



ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2023 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, César Neves e Andrea Martins
Design gráfico e paginação: Paulo Freitas

ISBN: 978-972-9451-98-0

Edição: Associação dos Arqueólogos Portugueses, CEAACP, CEIS2o e IA-FLUC
Lisboa, 2023

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Planta das ruínas de Conímbriga. © Museu Nacional de Conímbriga



Apoio Institucional:



Índice

- 15 Prefácio
José Morais Arnaud
- 1. Pré-História**
- 19 O potencial informativo dos *Large Cutting Tools*: o caso de estudo da estação paleolítica do Casal do Azemel (Leiria, Portugal)
Carlos Ferreira / João Pedro Cunha-Ribeiro / Eduardo Méndez-Quintas
- 33 PaleoTejo – Uma rede de trabalho para a investigação e para o património relacionado com os Neandertais e pré-Neandertais
Telmo Pereira / Luís Raposo / Silvério Figueiredo / Pedro Proença e Cunha / João Caninas / Francisco Henriques / Luiz Oosterbeek / Pierluigi Rosina / João Pedro Cunha-Ribeiro / Cristiana Ferreira / Nelson J. Almeida / António Martins / Margarida Salvador / Fernanda Sousa / Carlos Ferreira / Vânia Pirata / Sara Garcês / Hugo Gomes
- 45 A indústria lítica de malhadinhas e o seu enquadramento no património acheulense do vale do Tejo
Vânia Pirata / Telmo Pereira / José António Pereira
- 61 O Abrigo do Lagar Velho revisitado
Ana Cristina Araújo / Ana Maria Costa / Montserrat Sanz / Armando Lucena / Joan Daura
- 75 Contributo para o conhecimento das indústrias líticas pré-históricas do litoral de Esposende (NW de Portugal)
Sérgio Monteiro-Rodrigues
- 95 À volta da fogueira na pré-história: análise às estruturas de combustão do Sul de Portugal – a Praia do Malhão (Odemira)
Ana Rosa
- 105 O projecto LandCraft. A intervenção arqueológica no abrigo das Lapas Cabreiras
João Muralha Cardoso / Mário Reis / Bárbara Carvalho / Lara Bacelar Alves
- 119 A ocupação pré-histórica de Monte Novo: local de culto e de habitat
Mário Monteiro / Anabela Joaquineto
- 135 A formalização de espaços públicos durante o Calcolítico no Alto Douro Português: as Grandes Estruturas Circulares do Castanheiro do Vento (V. N. de Foz Côa)
Ana Vale / João Muralha Cardoso / Sérgio Gomes / Vítor Oliveira Jorge
- 149 Em busca da colecção perdida (1): Vila Nova de São Pedro no Museu Municipal de Vila Franca de Xira
César Neves / José Morais Arnaud / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 167 De casa em casa: novos dados sobre o sítio pré-histórico do Rio Seco/Boa-Hora (Ajuda, Lisboa)
Regis Barbosa
- 179 Um contributo para o estudo das Pontas Palmela das «Grutas de Alcobaça»
Michelle Teixeira Santos / Cátia Delicado / Isabel Costeira
- 195 Monte da Ponte (Évora): Um cruzamento entre o positivo e o negativo?
Inês Ribeiro
- 203 Peças antropomórficas da necrópole megalítica de Alto de Madorras. Abordagem preliminar ao seu estudo e valorização no âmbito do Projecto TSF – Murça
Maria de Jesus Sanches / Maria Helena Barbosa / Nuno Ramos / Joana Castro Teixeira / Miguel Almeida

- 219 Apontamentos sobre o monumento megalítico da Bouça da Mó 2, Balugães, Barcelos (Noroeste de Portugal)
Luciano Miguel Matos Vilas Boas
- 227 A Mamoa 1 do Crasto, Vale de Cambra. Um monumento singular
Pedro Manuel Sobral de Carvalho
- 241 À conversa com os ossos: População do Neolítico Final/Calcolítico da Lapa da Bugalheira, Torres Novas
Helena Gomes, Filipa Rodrigues, Ana Maria Silva
- 253 Dos ossos, cacos, pedras e terra à leitura detalhada das práticas funerárias no 3º milénio a.C.: o caso do Hipogeu I do Monte do Carrascal 2 (Ferreira do Alentejo, Beja)
Maria João Neves
- 267 Os sepulcros da Pré-História recente da Quinta dos Poços (Lagoa): contextos e cronologias
António Carlos Valera / Lucy Shaw Evangelista / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 285 Quinta dos Poços (Lagoa): Dados biológicos e práticas funerárias dos Sepulcros da Pré-História Recente
Lucy Shaw Evangelista / Eduarda Silva / Sofia Nogueira / António Carlos Valera / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 299 Everything everywhere? Definitely not all at once. Uma aproximação inicial às práticas de processamento de macrofaunas da Pré-História recente do Centro e Sul de Portugal
Nelson J. Almeida / Catarina Guinot / António Diniz
- 313 Um sítio, duas paisagens: a exploração de recursos vegetais durante o Mesolítico e a Idade do Bronze na Foz do Medal (Baixo Sabor, Nordeste de Portugal)
João Pedro Tereso / María Martín Seijo / Rita Gaspar
- 327 Análise isotópica estável ($\Delta^{13}C$) em sedimentos de sítios arqueológicos
Virgínia Lattao / Sara Garcês / Hugo Gomes / Maria Helena Henriques / Elena Marrocchino / Pierluigi Rosina / Carmela Vaccaro
- 333 Sobre a presença de sílex na Praia das Maças (Sintra)
Patrícia Jordão / Nuno Pimentel
- 345 Lost & Found. Resultados dos trabalhos de prospecção arqueológica realizados no vale do Carvalhal de Aljubarrota (Alcobaça, Leiria)
Cátia Delicado / Leandro Borges / João Monte / Bárbara Espírito Santo / Jorge Lopes / Inês Sofia Silva
- 357 Análise dos padrões de localização das grutas arqueológicas da Arrábida
João Varela / Nuno Bicho / Célia Gonçalves
- 365 Novos testemunhos de ocupação pré-histórica na área da ribeira de Santa Margarida (Alto Alentejo): notícia preliminar
Ana Cristina Ribeiro

2. Proto-História

- 377 Dinâmicas de Povoamento durante a Idade do Bronze no Centro da Estremadura Portuguesa: O Litoral Atlântico Entre as Serras d'Aires e Candeeiros e de Montejunto
Pedro A. Caria
- 389 Novos dados sobre os povoados do Bronze Final dos Castelos (Beja) e Laço (Serpa) no âmbito do Projeto Odyssey. Contributos a partir de um levantamento drone-LiDAR
Miguel Serra / João Fonte / Tiago do Pereiro / Rita Dias / João Hipólito / António Neves / Luís Gonçalves Seco
- 401 Metais do Bronze Final no Ocidente Ibérico. O caso dos machados de alvado a sul do rio Tejo
Marta Gomes / Carlo Bottaini / Miguel Serra / Raquel Vilaça
- 411 Dois Sítios, um ponto de situação. Primeiros resultados dos trabalhos nos Castros de Ul e Recarei em 2022
João Tiago Tavares / Adriaan de Man

- 425 Reflexões acerca dos aspetos técnicos e tecnológicos dos artefactos de ferro do Bronze Final / Ferro Inicial no território português
Pedro Baptista / Ralph Araque Gonzalez / Bastian Asmus / Alexander Richter
- 439 Resumo de resultados do projeto IberianTin (2018-22) e resultados iniciais do projeto Gold. PT (2023-)
Elin Figueiredo / João Fonte / Emmanuelle Meunier / Sofia Serrano / Alexandra Rodrigues
- 451 À volta da Pedra Formosa. Estudo do Balneário Este da Citânia de Briteiros
Gonçalo Cruz
- 463 Intercâmbio no primeiro milénio A.C., no litoral, entre os estuários dos rios Cávado e Ave
Nuno Oliveira
- 481 Castro de Guifões: elementos para a reconstituição paleogeográfica e compreensão da ocupação antiga do sítio
Andreia Arezes / Miguel Almeida / Alberto Gomes / José Varela / Nuno Ramos / André Ferreira / Manuel Sá
- 493 O Castro da Madalena (Vila Nova de Gaia) no quadro da ocupação proto-histórica da margem esquerda do Douro
Edite Martins de Sá / António Manuel S.P. Silva
- 507 Uma cabana com vista para o rio, no Sabugal da Idade do Ferro
Inês Soares / Paulo Pernadas / Marcos Osório
- 519 Cerca do Castelo de Chão do Trigo (S. Pedro do Esteval, Proença-a-Nova): resultados de três campanhas de escavações (2017-2019)
Paulo Félix
- 533 Instrumentos e artes de pesca no sítio proto-histórico de Santa Olaia (Figueira da Foz)
Sara Almeida / Raquel Vilaça / Isabel Pereira
- 549 Sobre a influência da cerâmica grega nas produções de cerâmica cinzenta do estuário do Tejo: um vaso emblemático encontrado nas escavações arqueológicas do Largo de Santa Cruz (Lisboa)
Elisa de Sousa / Sandra Guerra / João Pimenta / Roshan Paladugu
- 563 *To buy fine things*: trabalhos e perspectivas recentes sobre o consumo de importações mediterrâneas no Sul de Portugal durante o I milénio a.n.e.
Francisco B. Gomes
- 575 Arquitecturas orientais em terra na fronteira atlântica: novas abordagens do Projecto #BuildinginNewLands
Marta Lorenzon / Benjamín Cutillas-Victoria / Elisa Sousa / Ana Olaio / Sara Almeida / Sandra Guerra
- 585 Frutos, cultivos e madeira no Castro de Alvarelhos: a arqueobotânica do projeto CAESAR
Catarina Sousa / Filipe Vaz / Daniela Ferreira / Rui Morais / Rui Centeno / João Tereso

3. Antiguidade Clássica e Tardia

- 599 A propósito de machados polidos encontrados em sítios romanos do território português e a crença antiga nas “pedras de raio”
Fernando Coimbra
- 611 Unidades Organizativas e Povoamento no Extremo Ocidental da *Civitas* Norte-Lusitana dos *interannienses*: um ensaio
Armando Redentor / Alexandre Canha
- 625 As Termas Romanas da Quinta do Ervedal (Castelo Novo, Fundão)
Joana Bizarro
- 633 Paisagem rural, paisagem local: os primeiros resultados arqueológicos e arqueobotânicos do sítio da Terra Grande (*civitas Igaeditanorum*)
Sofia Lacerda / Filipe Vaz / Cláudia Oliveira / Luís Seabra / João Tereso / Ricardo Costeira da Silva / Pedro C. Carvalho

- 649 Recontextualização dos vestígios arqueológicos do *forum* de Coimbra. Uma leitura a partir da comparação tipo-morfológica
Pedro Vasco de Melo Martins
- 665 Sítio do Antigo (Torre de Vilela, Coimbra): uma possível *villa* suburbana de *Aeminium*
Rúben Mendes / Raquel Santos / Carmen Pereira / Ricardo Costeira da Silva
- 679 A fachada norte da Casa dos Repuxos (Conímbriga): resultados das campanhas de 2021 e 2022
Ricardo Costeira da Silva / José Ruivo / Vítor Dias
- 693 Intervenções Arqueológicas em Condeixa-a-Velha no âmbito das acções do Movimento para a Promoção da Candidatura de Conímbriga a Património Mundial da Unesco
Pedro Peça / Miguel Pessoa / Pedro Sales / João Duarte / José Carvalho / Fernando Figueiredo / Flávio Simões
- 707 O sítio arqueológico de São Simão, Penela
Sónia Vicente / Flávio Simões / Ana Luísa Mendes
- 723 O sítio arqueológico da Telhada (Vermoil, Pombal)
Patrícia Brum / Mariana Nabais / Margarida Figueiredo / João Pedro Bernardes
- 731 *Górgona* – um *corpus* de *opus sectile* na Lusitânia
Carolina Grilo / Lídia Fernandes / Patrícia Brum
- 741 *Villa* romana da Herdade das Argamassas. Delta, motivo de inspiração secular. Do mosaico ao café
Vítor Dias / Joaquim Carvalho / Cornelius Meyer
- 755 A Antiguidade Tardia no Vale do Douro: o exemplo de Trás do Castelo (Vale de Mir, Pegarinhos, Alijó)
Tony Silvino / Pedro Pereira / Rodolphe Nicot / Laudine Robin / Yannick Teyssonneyre
- 771 A Arqueologia Urbana em Braga: oportunidades e desafios. O caso de estudo da rua Nossa Senhora do Leite, n.º 8/10
Fernanda Magalhães / Luís Silva / Letícia Ruela / Diego Machado / Lara Fernandes / Eduardo Alves / Manuela Martins / Maria do Carmo Ribeiro
- 785 Balneário romano de São Vicente (Penafiel): projeto de revisão das estruturas construídas e do contexto histórico-arqueológico do sítio
Silvia González Soutelo / Teresa Soeiro / Juan Diego Carmona Barrero / Jorge Sampaio / Helena Bernardo / Claus Seara Erwelein
- 801 Um contexto cerâmico tardo-antigo da Casa do Infante (Porto)
João Luís Veloso / Paulo Dordio Gomes / Ricardo Teixeira / António Manuel S. P. Silva
- 815 Trabalhos arqueológicos no Patarinho (Santa Comba Dão, Viseu): caracterização de uma pequena área de produção vinícola no vale do Dão em época alto-imperial
Pedro Matos / João Losada
- 831 Sobre a ocupação tardia da *villa* da Quinta da Bolacha – estudo de um contexto de ocupação da casa romana
Vanessa Dias / Gisela Encarnação / João Tereso
- 843 Os materiais do sítio romano de Eira Velha (Miranda do Corvo) como índice cronológico das suas fases de construção
Inês Rasteiro / Ricardo Costeira da Silva / Rui Ramos / Inês Simão
- 859 Cerâmica de importação em *Talabriga* (Cabeço do Vouga, Águeda)
Diana Marques / Ricardo Costeira da Silva
- 873 Revisão dos objetos ponderais recuperados na antiga *Conimbriga* (Condeixa-a-Nova, Coimbra)
Diego Barrios Rodríguez / Cruces Blázquez Cerrato
- 885 O conjunto de pesos de tear do sítio romano de Almoínhas
Martim Lopes / Paulo Calaveiras / José Carlos Quaresma / Joel Santos

- 901 *A terra sigillata* e a cerâmica de cozinha africana na cidade de Lisboa no quadro do comércio do ocidente peninsular – O caso do edifício da antiga Sede do Banco de Portugal
Ana Beatriz Santos
- 915 Análise (im)possível dos espólios arqueológicos do sítio do Mascarro (Castelo de Vide, Portugal)
Sílvia Monteiro Ricardo
- 931 Reconstruindo a paisagem urbana de Braga desde a sua fundação até à cidade medieval: as ruas como objeto de estudo
Leticia Ruela / Fernanda Magalhães / Maria do Carmo Ribeiro
- 941 A dinâmica viária no vale do Rabagão: a via XVII e o contributo dos itinerários secundários
Bruno Dias / Rebeca Blanco-Rotea / Fernanda Magalhães
- 953 Resultados das leituras geofísicas de Monte dos Castelinhos, Vila Franca de Xira
João Pimenta / Tiago do Pereiro / Henrique Mendes / André Ferreira
- 965 *Loca sacra*: Para uma topografia dos lugares simbólicos no atual Alentejo em época romana
António Diniz
- 977 Mosaicos da área de influência de *Pax Ivlia*
Maria de Fátima Abraços / Licínia Wrench
- 993 A exploração de pedras ornamentais na Lusitânia: Primeiros dados de um estudo em curso
Gil Vilarinho

4. Época Medieval

- 1009 A necrópole da Alta Idade Média do Castro de São Domingos (Lousada, Portugal)
Paulo André Pinho Lemos / Manuel Nunes / Bruno M. Magalhães
- 1025 A transformação e apropriação do espaço pelos edifícios rurais, entre a Antiguidade Tardia e a Idade Média, no troço médio do vale do Guadiana (Alentejo, Portugal)
João António Ferreira Marques
- 1037 A reconfiguração do espaço rural na Alta Idade Média. Análise dos marcadores arqueológicos no Alto Alentejo
Rute Cabriz / Sara Prata
- 1047 O Castelo de Vale de Trigo (Alcácer do Sal): dados das intervenções arqueológicas
Marta Isabel Caetano Leitão
- 1061 Convento de Nossa Senhora do Carmo de Moura, um conjunto de silos medievais islâmicos: dados preliminares de uma das sondagens arqueológicas de diagnóstico
Vanessa Gaspar / Rute Silva
- 1075 Potes meleiros islâmicos – Contributo para o estudo da importância do mel na Idade Média
Rosa Varela Gomes
- 1085 Luxos e superstições – registos de espólio funerário e outras materialidades nas necrópoles islâmicas no Gharb al-Andalus
Raquel Gonzaga
- 1097 A Necrópole Islâmica do Ribat do Alto da Vigia, Sintra
Alexandre Gonçalves / Helena Catarino / Vânia Janeirinho / Filipa Neto / Ricardo Godinho
- 1115 O inédito pavimento Cisterciense da cidade de Évora
Ricardo D'Almeida Alves de Morais Sarmento
- 1129 Do solo para a parede: a intervenção arqueológica no Pátio do Castilho n.º 37-39 e a(s) Torre(s) de Almedina da muralha(s) de Coimbra
Susana Temudo

- 1145 Utensílios cerâmicos de uma cozinha medieval islâmica no espaço periurbano de al-Ushbuna (1ª metade do séc. XII)
Jorge Branco / Rodrigo Banha da Silva
- 1159 O convento de S. Francisco de Real na definição da paisagem monástico-conventual de Braga, entre a Idade Média e a Idade Moderna
Francisco Andrade
- 1169 “Ante o cruzeiro jaz o mestre”: resultados preliminares da escavação do panteão da Ordem de Santiago (séculos XIII – XVI) localizado no Santuário do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal)
Ana Rita Balona / Liliana Matias de Carvalho / Sofia N. Wasterlain
- 1181 Produções cerâmicas da Braga medieval: cultura e agência material
Diego Machado / Manuela Martins
- 1197 Agricultura e paisagem em Santarém entre a Antiguidade Tardia e o Período Islâmico a partir das evidências arqueobotânicas
Filipe Vaz / Luís Seabra / João Tereso / Catarina Viegas / Ana Margarida Arruda

5. Época Moderna

- 1215 A necrópole medieval e moderna de Benavente: resultados de uma intervenção de Arqueologia Preventiva
Joana Zuzarte / Paulo Félix
- 1229 Rua da Judiaria – Castelo de Vide: Aspetos gerais da intervenção arqueológica na eventual Casa do Rabino
Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos / Susana Rodrigues Cosme
- 1239 A coleção de estanho de Esposende
Elisa Maria Gomes da Torre e Frias-Bulhosa
- 1253 *Três barris num campo de lama*: dados preliminares para o estudo da vitivinicultura na cidade de Aveiro no período moderno
Diana Cunha / Susana Temudo / Pedro Pereira
- 1269 Aveiro como centro produtor de cerâmica: os vestígios da oficina olárica identificada na Rua Capitão Sousa Pizarro
Vera Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado
- 1283 A Casa Cordovil: contributo para o conhecimento de Évora no Período Moderno
Leonor Rocha
- 1295 Reconstruir a Cidade: o pré e o pós-terramoto na Rua das Escolas Gerais, nº 61 (Lisboa)
Susana Henriques
- 1305 Lazareto, fortaleza e prisão: arqueologia do Presídio da Trafaria (Almada)
Fabián Cuesta-Gómez / Catarina Tente / Sérgio Rosa / André Teixeira / Francisca Alves Cardoso / Sílvia Casimiro
- 1319 Conhecer o quotidiano do Castelo de Palmela entre os séculos XV e XVIII através dos artefactos metálicos em liga de cobre
Luís F. Pereira
- 1331 Um forno de cerâmica do início da Época Moderna na Rua Edmond Bartissol, Setúbal
Victor Filipe / Eva Pires / Anabela Castro
- 1341 A necrópole da Igreja Velha do Peral (Proença-a-Nova)
Anabela Joaquineto / Francisco Henriques / Francisco Curate / Carla Ribeiro / Nuno Félix / Fernando Robles Henriques / João Caninas / Hugo Pires / Paula Bivar de Sousa / Carlos Neto de Carvalho / Isabel Gaspar / Pedro Fonseca
- 1357 A materialização da morte em Bucelas entre os séculos XV e XIX. Rituais, semiótica e simbologias
Tânia Casimiro / Dário Ramos Neves / Inês Costa / Florbela Estevão / Nathalie Antunes-Ferreira / Vanessa Filipe

- 1369 Ficam os ossos e ficam os anéis: objetos de adorno e de crença religiosa da necrópole do Convento dos Lóios, Lisboa
João Miguez / Marina Lourenço
- 1379 “Não ha sepultura onde se não tenham enterrado mais de dez cadáveres”: as valas comuns de época moderna da necrópole do Hospital dos Soldados (Castelo de São Jorge, Lisboa), uma prática funerária de recurso
Carina Leirião / Liliana Matias de Carvalho / Ana Amarante / Susana Henriques / Sofia N. Wasterlain
- 1391 Estudo tafonómico de uma coleção osteológica proveniente da Igreja da Misericórdia em Almada
Maria João Rosa / Francisco Curate
- 1403 Variabilidade formal e produtiva da cerâmica moderna na cidade de Braga: estudo de caso
Lara Fernandes / Manuela Martins / Maria do Carmo Franco Ribeiro
- 1415 Representações femininas na faiança portuguesa de Santa Clara-a-Velha: desigualdade, subalternização, emancipação
Inês Almendra Castro / Tânia Manuel Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1427 Poder, família, representação: a heráldica na faiança de Santa Clara-a-Velha
Danilo Cruz / Tânia Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1437 A Chacota de Faiança a uso e o significado social do seu consumo em Lisboa, nos meados-finais do século XVII: a amostragem do Hospital dos Pescadores e Mareantes de Alfama
André Bargão / Sara da Cruz Ferreira / Rodrigo Banha da Silva
- 1445 Algumas considerações sobre os artefactos em ligas metálicas descobertos no Palácio Sant’Anna em Carnide, Lisboa
Carlos Boavida / Mário Monteiro
- 1461 Os cachimbos cerâmicos dos séculos XVII e XVIII do Palácio Almada-Carvalhais (Lisboa)
Sara da Cruz Ferreira / André Bargão / Rodrigo Banha da Silva / Tiago Nunes
- 1469 Tróia fumegante. Os cachimbos cerâmicos modernos do sítio arqueológico de Tróia
Miguel Martins de Sousa / Tânia Manuel Casimiro / Filipa Araújo dos Santos / Mariana Nabais / Inês Vaz Pinto
- 1483 Um copo para muitas garrafas. Algumas palavras sobre um conjunto de vidros modernos e contemporâneos encontrados na Praia da Alburrica (Barreiro)
Carlos Boavida / António González
- 1495 *A Gran Principessa di Toscana*, um naufrágio do século XVII no Cabo Raso (Cascais)
Sofia Simões Pereira / Francisco Mendes / Marco Freitas
- 1503 Condições ambientais e contexto arqueológico na margem estuarina de Lisboa: dados preliminares da sondagem ESSENTIA (Av. 24 de Julho | Rua Dom Luís I)
Margarida Silva / Ana Maria Costa / Maria da Conceição Freitas / José Bettencourt / Inês Mendes da Silva / Tiago Nunes / Mónica Ponce / Jacinta Bugalhão
- 1517 Evolução ambiental do estuário do Rio Cacheu, Guiné-Bissau: dados preliminares
Rute Arvela, Ana Maria Costa, Maria da Conceição Freitas, Rui Gomes Coelho
- 1525 Extrair informação cultural de madeiras náuticas: uma experiência em Lisboa
Francisco Mendes / José Bettencourt / Marco Freitas / Sofia Simões Pereira
- 1535 Ferramentas, carpinteiros e calafates a bordo da fragata *Santo António de Taná* (Mombaça, 1697)
Patrícia Carvalho / José Bettencourt
- 1547 Parede 1, Carcavelos 12 e Carcavelos 13: três naufrágios da Guerra Peninsular?
José Bettencourt / Augusto Salgado / António Fialho / Jorge Freire
- 1555 Estudo zooarqueológico e tafonómico de um silo de época moderno-contemporânea da Casa Cordovil, Évora
Catarina Guinot / Nelson J. Almeida / Leonor Rocha

- 1569 Uma aproximação à Arqueologia de Paisagem: a paisagem fluvial e as dimensões da sua exploração, comunicação e ocupação
Patrícia Alho / Vanda Luciano
- 1575 Dos Arquivos ao Trabalho de Campo: o Estudo da Fortaleza de Santa Catarina de Ribamar (Portimão)
Bruna Ramalho Galamba
- 1583 Palácio Vaz de Carvalho, a diacronia de um sítio: da Pré-História à Contemporaneidade
Anabela Sá / Inês Mendes da Silva
- 1595 *Um olhar sobre o passado*: apresentação dos resultados de uma intervenção arqueológica na Figueira da Foz
Bruno Freitas / Sérgio Gonçalves / André Donas-Botto
- 1607 Todos os metros contam, 200 mil anos num quarteirão? O caso das Olarias de Leiria
Ana Rita Ferreira / André Donas-Botto / Cláudia Santos / Luís Costa

6. Época Contemporânea

- 1625 Navios de ferro: contributos para uma abordagem arqueológica aos naufrágios de Idade Contemporânea em Portugal
Marco Freitas / Francisco Mendes / Sofia Simões Pereira
- 1637 *Das peles e dos rebites*: o processo de inventariação arqueológica da Central do Biel e da Fábrica de Curtumes do Granjo (Vila Real)
Pedro Pereira / Fernando Silva
- 1649 Seminário Maior de Coimbra: o contributo da arqueologia num espaço em reabilitação
Constança dos Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado / Gina Dias
- 1663 Paradigmas de Preservação e Valorização do Património Monumental nas Linhas de Torres Vedras. Abordagem às intervenções realizadas no Forte da Archeira (Torres Vedras), no Forte 1.º de Suberra e na Bateria Nova de Suberra (Vila Franca de Xira)
João André Perpétuo / Miguel Martins de Sousa / João Ramos
- 1677 Pavimentos em mós na arquitetura saloia: novos dados na Amadora
Nuno Dias / Catarina Bolila / Vanessa Dias / Gisela Encarnação
- 1685 O Tejo e a industrialização: como Lisboa “invadiu” o rio no século XIX
Inês Mendes da Silva
- 1695 As Alcaçarias do Duque. A redescoberta dos últimos banhos públicos de Alfama
Filipe Santos
- 1709 Memorial da Serralharia – Arqueologia do Passado Recente no Hospital de São José
João Sequeira / Carlos Boavida / Afonso Leão
- 1723 *kana, fornadja y kumunidadi*: Um caso de estudo da produção e transformação da cana sacarina na Ribeira dos Engenhos (Ilha de Santiago)
Nireide Pereira Tavares
- 1735 Personagens Escondidas: À procura das emoções esquecidas das mulheres na indústria portuguesa. Uma análise arqueológica através de novas materialidades
Susana Pacheco / Joel Santos / Tânia Manuel Casimiro
- 1747 Sós mas não Esquecidos. Por uma Arqueologia da Solidão
Joel Santos / Susana Pacheco

7. Arte Rupestre

- 1761 O projeto First-Art (*Extension*): determinação cronológica e caracterização dos pigmentos nas fases iniciais da Arte Rupestre Paleolítica
Sara Garcês / Hipólito Collado / Hugo Gomes / Virginia Lattao / George Nash / Hugo Mira Perales / Diego Fernández Sánchez / José Julio García Arranz / Pierluigi Rosina / Luiz Oosterbeek

- 1771 Mais perto da conclusão: novo ponto da situação da prospecção e inventário da arte rupestre do Côa
Mário Reis
- 1787 Propostas metodológicas para a conservação dos sítios com Pinturas Rupestres da Pré-História recente no Vale do Côa
Vera Moreira Caetano / Fernando Carrera / Lara Bacelar Alves / António Batarda Fernandes / Teresa Rivas / José Santiago Pozo-Antonio
- 1801 Alguma cor num fundo de gravura: principais conjuntos da pintura pré-histórica do Vale do Côa
Lara Bacelar Alves / Andrea Martins / Mário Reis
- 1815 Desde a crista, olhando para o Tejo – os abrigos com pintura esquemática do Pego da Rainha (Mação, Portugal)
Andrea Martins
- 1841 Gravuras rupestres da rocha 2 da Lomba do Carvalho (Almaceda, Castelo Branco).
Informação empírica e hipóteses interpretativas
Mário Varela Gomes
- 1859 Um novo olhar sobre as gravuras de labirintos: o caso do Castelinho (Torre de Moncorvo, Portugal)
Andreia Silva / Sofia Figueiredo-Persson / Elin Figueiredo
- 1875 Os seixos incisos da Idade do Ferro de São Cornélio (Sabugal, Alto Côa)
Luís Luís / Marcos Osório / André Tomás Santos / Anna Lúcia Vitale / Raquel Vilaça
- 1891 Entre topónimos e lendas. Explicações das sociedades rurais para o fenómeno podomórfico do nordeste de Trás-os-Montes
José Moreira
- 1905 Os grafitos molinológicos ou a realidade (in)visível das moagens hidráulicas tradicionais: resultados da aplicação de um inédito roteiro metodológico (Lousada, Norte de Portugal)
Manuel Nunes / Paulo André P. Lemos

8. Arqueologia Pública, Comunicação e Didática

- 1923 Património Mundial e Valor Social: Uma Investigação sobre os Sítios Pré-históricos de Arte Rupestre do Vale do Rio Côa e de Siega Verde
José Paulo Francisco
- 1931 Parque Arqueosocial do Andakatu em Mação. Boas práticas para a sustentabilidade e disseminação do conhecimento científico
Hugo Gomes / Sara Garcês / Luiz Oosterbeek / Pedro Cura / Anabela Borralheiro / Rodrigo Santos / Sandra Alexandre
- 1943 Vila Nova de São Pedro e a Arqueologia Pública – a consolidação de um projecto através dos agentes da sua história
José M. Arnaud / Andrea Martins / César Neves / Mariana Diniz
- 1963 O Monumento Pré-histórico da Praia das Maças (Sintra): atividades de divulgação e educação patrimonial realizadas no âmbito das recentes escavações arqueológicas
Eduardo Porfírio / Catarina Costeira / Teresa Simões
- 1979 A Idade do Bronze como ferramenta de Educação e Divulgação em Arqueologia – O Projeto Outeiro do Circo 2022-2023
Sofia Silva / Eduardo Porfírio / Miguel Serra
- 1993 Arqueologia Pública: a Festa da Arqueologia como caso de estudo
Carla Quirino / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 2013 Open House Arqueologia – a aproximação da disciplina científica aos cidadãos
Lídia Fernandes / Carolina Grilo / Patrícia Brum
- 2025 “Cada cavadeira sua minhoca”: Arqueologia Pública e Comunicação através do caso de estudo do Largo do Coreto e envolvente em Carnide (Lisboa)
Ana Caessa / Nuno Mota

- 2037 **Grupo CIGA: comunicar e divulgar a cerâmica islâmica**
Isabel Inácio / Jaquelina Covaneiro / Isabel Cristina Fernandes / Sofia Gomes / Susana Gómez / Maria José Gonçalves / Marco Liberato / Gonçalo Lopes / Constança Santos / Jacinta Bugalhão / Helena Catarino / Sandra Cavaco
- 2047 **O Forte de São João Batista da Praia Formosa: a recuperação virtual e a reconstrução da memória**
Diogo Teixeira Dias / Sérgio Gonçalves
- 2059 **Entre a Universidade e a profissão: A experiência de um Estágio Curricular narrada na primeira pessoa**
Mariana Santos
- 2069 **A Arqueologia e os seus Públicos: relação dos Arqueólogos com os outros Cidadãos no âmbito da Contemporaneidade**
Florbel Estêvão / Vítor Oliveira Jorge
- 2079 **Arqueologia e Comunicação na era da Big Data: do sítio arqueológico ao registo de monumentos e paisagens. Será este um dia FAIR?**
Ariele Câmara / Ana de Almeida / João Oliveira / Daniel Marçal
- 2091 **Exposição de Arte-Arqueologia: Artefactos do Descarte**
Pedro da Silva / Inês Moreira

9. Historiografia e Teoria

- 2103 **Pré-História e “Antropologia Cultural”: repensar esta interface**
Vítor Oliveira Jorge
- 2115 **“Onde está o Wally?” Representações de mulheres nos museus de Pré-História**
Sara Brito
- 2125 **“Criei o hábito de geralmente ignorar”: sexismo, assédio e abuso sexual em Arqueologia**
Liliana Matias de Carvalho / Sara Simões / Sara Brito / Jacinta Bugalhão / Miguel Rocha / Mauro Correia / Regis Barbosa / Raquel Gonzaga
- 2137 **O ensino da Arqueologia em Portugal**
Jacinta Bugalhão
- 2149 **O Grupo Pró-Évora e o curso de arqueologia de 1968: uma primeira aproximação ao tema**
Ana Cristina Martins
- 2161 **Andanças na Arqueologia Urbana da Cidade de Coimbra: Um Historial de Duas Décadas do Processo Metro Mondego**
António Batarda Fernandes
- 2177 **Peixes de Água Doce e Migradores de Portugal: Sistematização da Informação Zooarqueológica**
Miguel Rodrigues / Filipe Ribeiro / Sónia Gabriel
- 2191 **Extração de Conhecimento em Arqueologia: primeiros resultados da aplicação a dados portugueses**
Ivo Santos
- 2199 **A Igreja do Carmo de Lisboa: um exemplo de arqueologia vertical com 600 anos**
Célia Nunes Pereira

10. Gestão, Valorização e Salvaguarda do Património

- 2215 **A simplificação legislativa e os desafios à atividade arqueológica**
Gertrudes Branco
- 2223 **IPA / IGESPAR, IP / DGPC – Extensão de Torres Novas: 25 anos**
Sandra Lourenço / Gertrudes Zambujo / Cláudia Manso
- 2239 **O futuro do Património Arqueológico Subaquático: Uma perspetiva através do ensino**
Adolfo Silveira Martins / Alexandra Figueiredo / Cláudio Monteiro / Adolfo Miguel Martins

- 2245 **Recomendações de Boas-Práticas em Arqueologia de Ambientes Húmidos**
Ana Maria Costa / Cândida Simplício / Cristóvão Fonseca / Jacinta Bugalhão / João Pedro Tereso / José Bettencourt / José António Gonçalves / Miguel Lago / Pedro Barros / Rodrigo Banha da Silva
- 2261 **A inventariação e georreferenciação do Património Cultural Marítimo no *Endovéllico***
Pedro Barros / Jacinta Bugalhão / Gonçalo C. Lopes / Cristóvão Fonseca / Pedro Caleja / Filipa Bragança / Sofia Pereira / Ana Sofia Gomes
- 2273 **A piroga monóxila Lima 7 e os desafios que o rio nos apresenta**
José António Gonçalves / João Marrocano
- 2291 **A paisagem marítima do litoral do Minho. Uma primeira aproximação à paisagem económica de Viana do Castelo**
Tiago Silva
- 2301 **O projeto TURARQ – Turismo Arqueológico para a compreensão da cultura e das interações ambientais**
Hugo Gomes / Sara Garcês / Marco Martins / Anícia Trindade / Douglas O. Cardoso / Eduardo Ferraz / Luiz Oosterbeek
- 2307 **Tecnologias de Detecção Remota aplicadas ao Descritor do Património: da prática à reflexão**
Gabriel Pereira / Nuno Barraca / Mauro Correia / Gustavo Santos
- 2321 **Procedimentos a adotar na manipulação de materiais arqueológicos para análises de resíduos orgânicos: as práticas instituídas e os equívocos**
César Oliveira
- 2331 **Arqueologia da Arquitetura aplicada ao estudo dos espaços construídos: uma metodologia de análise**
Eduardo Alves / Rebeca Blanco-Rotea
- 2343 **Almada Velha: um projeto municipal de gestão arqueológica**
André Teixeira / Sérgio Rosa / Telmo António / Rodrigo Banha da Silva / João Gonçalves Araújo / Eva Pires / Beatriz Calapez Santos / Fátima Alves / Francisco Curate / Leonor Medeiros / Joana Esteves / Alexandra P. Rodrigues / André Bargão / Joana Mota
- 2357 **Um projeto de Arqueologia atlântica: a ERA na Madeira**
Arlette Figueira / Miguel Lago
- 2365 **Abordagens Interdisciplinares para o Estudo Histórico e Arqueológico do Património Têxtil: Experiências e Perspetivas da Ação COST EuroWeb**
Catarina Costeira / Francisco B. Gomes / Paula Nabais / Alina Iancu
- 2381 **Umas termas debaixo dos vossos pés: o Projeto de Estudo e Valorização do Criptopórtico Romano de Lisboa (CRLx)**
Nuno Mota / Ana Caessa
- 2393 **Arqueologia Urbana no Município de Coimbra**
Sérgio Madeira / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Raquel Santo
- 2407 **A Cidade como ponto de (Re)encontro com o seu território**
Raquel Santos / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Sérgio Madeira
- 2419 **Os antigos sistemas de gestão de água de Coimbra: características formais e estado da arte**
Paulo Morgado / Sónia Filipe
- 2433 **Ecologias da liberdade: materialidades da escravidão e pós-emancipação no mundo atlântico. Um projeto em curso em Portugal e na Guiné-Bissau**
Rui Gomes Coelho / Ana Maria Costa / João Tereso / Maria da Conceição Lopes / Maria da Conceição Freitas / Patrícia Mendes / Rute Arvela / Sandra Gomes / Sara Simões / Sónia Gabriel
- 2441 **Centro Interpretativo do Urbanismo e da História do Crato – Resultados da intervenção arqueológica**
Susana Rodrigues Cosme / Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos

AVEIRO COMO CENTRO PRODUTOR DE CERÂMICA: OS VESTÍGIOS DA OFICINA OLÁRICA IDENTIFICADA NA RUA CAPITÃO SOUSA PIZARRO

Vera Santos¹, Sónia Filipe², Paulo Morgado³

RESUMO

Os dados agora partilhados resultam da intervenção de Arqueologia Preventiva levada a cabo no âmbito da construção de um edifício habitacional no centro de Aveiro. Com este artigo, procura-se ampliar o conhecimento da atividade de produção oleira nesta cidade, atestada pelos vestígios da oficina que aqui laborou. Procura-se, ainda, enquadrar as dinâmicas de ocupação do espaço intra e extra-muralhado à luz dos resultados agora recuperados do registo sedimentar desta parcela de *chão de Aveiro*.

Palavras-chave: Aveiro; Arqueologia Preventiva; Época Moderna; Produção oleira.

ABSTRACT

The data now shared result from the Preventive Archeology intervention carried out within the scope of the construction of a building in Aveiro. The aim is to expand the knowledge of pottery production activity in Aveiro, attested by the remains of the workshop that operated here. Additionally, seeks to contextualize the dynamics off occupation in and out of the city walls, in the light of the results now recovered from the layers of this plot of ground in Aveiro.

Keywords: Aveiro; Preventive Archaeology; Modern Age; Pottery Production.

A intervenção arqueológica (acompanhamento e sondagens ao solo), levada a cabo no âmbito do projecto de construção de um edifício habitacional nas ruas Capitão Sousa Pizarro e Homem de Cristo Filho, em Aveiro, freguesia da Glória e Vera Cruz, e cujos resultados damos agora a conhecer, teve lugar entre julho de 2020 e abril de 2021. Os trabalhos tiveram a coordenação científica de Sónia Filipe, a direcção técnica e científica esteve a cargo de Vera Santos, e da equipa fez, ainda, parte Paulo Morgado, Eng. Geólogo.

A área em estudo localiza-se no centro da cidade de Aveiro, no denominado ‘cimo da vila’. Trata-se da união das parcelas com os n.ºs 20 a 24A da Rua Capitão Sousa Pizarro (antiga Rua Nova ou Rua das Beatas), com as parcelas com os n.ºs 85 a 89, da Rua Homem de Cristo Filho (antiga Rua das Arribas)⁴. Encontramo-nos perto da antiga área comercial, onde os mercadores estrangeiros tinham as suas residências, muito próximo à Judiaria (BARBOSA, Teresa, *et alii*, 2006-2008: 120).

1. Arqueóloga / veraventurasantos@gmail.com

2. Arqueóloga, Reitoria da Universidade de Coimbra – Gabinete para as Novas Instalações / sonia.filipe@uc.pt

3. Eng. Geólogo, GeoBioTec – Universidade de Aveiro / pmorgado@ua.pt

4. Esta junção de vários lotes resultou numa parcela rectangular, cuja largura ultrapassa o comprimento, confrontando com as duas vias, a NE e a SO. Contudo, os lotes anteriores eram estreitos e alongados, apenas confrontando a fachada principal das habitações com a via. Pensamos que numa primeira fase, a edificação se tenha dado no interior muralhado, com a fachada principal dos edifícios virada para a Rua Nova, actual Capitão Sousa Pizarro. O fundo destes lotes estaria ocupado com os quintais, virados para a muralha. Logo depois, alguns lotes no exterior da muralha, na Rua das Arribas, actual Homem de Cristo Filho, também foram urbanizados, provavelmente no mesmo esquema, com o fundo dos lotes ocupados com quintais virados para a face exterior da muralha.

A empreitada de construção do edifício habitacional foi condicionada a trabalhos arqueológicos por decisão tutelar, tendo ficado, assim, a cargo do promotor da obra, a Pizarro Projectos, Lda⁵. Esta medida de minimização decorreu da localização do imóvel, na “Unidade 1 – Centros Históricos” de acordo com a Planta de Zonamento do Plano de Urbanização da Cidade de Aveiro (PUCA). A área abrangida pelo projecto estava, ainda, na área da implantação do traçado da antiga muralha quatrocentista, cujo traçado era paralelo à actual Rua Homem Cristo Filho, conforme o registado na cartografia histórica de Aveiro, e comprovado por trabalhos arqueológicos anteriores (**Figura 1**).

Durante as diferentes fases dos trabalhos arqueológicos executados (acompanhamento das demolições das estruturas habitacionais pré-existentes, execução de sondagens prévias e acompanhamento da escavação mecânica necessária para a execução do projecto arquitectónico aprovado), sob uma estratigrafia pobre e maioritariamente relacionada com a urbanização da área no início do século XX, foram identificados vários vestígios arqueológicos. De seguida, apresentamos uma súmula dos que consideramos mais significativos.

1. A CERCA DA VILA

No decorrer da intervenção arqueológica cujos resultados aqui se publicam, foi identificada uma estrutura que pela sua dimensão, aparelho e implantação interpretamos como sendo a base da cerca da vila de Aveiro. Trata-se do vestígio mais antigo identificado na área em estudo.

A edificação da muralha aveirense ter-se-á iniciado nos princípios do séc. XV, tendo imprimido um carácter mais urbano à povoação. Data de 1413 a primeira referência escrita àquela estrutura defensiva,

5. Contudo, dada a constatação que um dos fornos de olaria identificados durante os trabalhos, mais precisamente a câmara de combustão designada u.e. 100, se prolongava para SO, para a via pública, a Câmara Municipal de Aveiro decidiu custear a escavação integral desta estrutura, no exterior dos limites da parcela em estudo. Este prolongamento, para SO, dos trabalhos de escavação arqueológica teve como objectivo a escavação integral da estrutura, permitindo identificar o seu estado de conservação, exumar todo o material arqueológico identificado no seu interior e avaliar a possibilidade de uma futura musealização, física ou recorrendo a vias virtuais, a desenvolver pelo Município.

estando as obras em curso. E é também através da documentação escrita que sabemos que a sua construção ainda não estava concluída em 1490. De acordo com as várias inscrições colocadas sobre as portas, e registadas por Oudinot (2009) no final do séc. XIX, o infante D. Pedro, enquanto Duque de Coimbra, terá passado a impulsionar directamente a construção da muralha, a partir de 1418. Ainda segundo estas inscrições, sabemos que logo em 1506 os muros da zona do Alboi necessitaram de obras de reparação, executadas a mando de D. Manuel I. As inscrições registaram, ainda, um outro momento de restauro, no reinado de D. João V.

Actualmente, poucos são os vestígios visíveis da cerca da vila. Inserida no edifício que ocupa o n.º 8 da Rua Capitão Pizarro, a ONO da nossa localização, encontra-se preservada o que consideramos parte da torre NO da Porta de Rabães, também conhecida como *Castelo*. Aí vamos encontrar duas estruturas parietais construídas em silhares de margas, levemente afeiçoados, ligados por argamassa de areia e cal. Estas estruturas encontram-se a NO da Travessa das Beatas, que fossilizou a passagem entre o exterior e o interior da cerca, ou seja, entre a Rua das Arribas e a Rua Nova, as actuais ruas Homem de Cristo Filho e Capitão Sousa Pizarro. Outro dos vestígios preservados até há pouco tempo era o negativo que se encontrava visível na parede NO do prédio com o n.º 93 da Rua Homem de Cristo Filho. Dada a implantação, as dimensões (2,55m de altura por 3,24m de largura) e a orientação coincidente com os vestígios identificados durante o nosso trabalho, colocamos como hipótese que se tratava do negativo da muralha aveirense, que aqui estaria preservada até à demolição das estruturas existentes no lote contíguo.

A par destes vestígios, foram identificados outros, em diferentes trabalhos arqueológicos na cidade (como no n.º 78 da Rua Capitão Sousa Pizarro, CNS 38156; ou na Rua Homem de Cristo Filho, n.º 49 a 51, CNS 37514). As características da cerca aí registadas concorrem para a qualificar como uma estrutura robusta, bem construída, tendo-se registado, inclusivamente, 5m de altura preservada. A sua planta, e as propostas de implantação no terreno, demonstram uma adequação à topografia, o que favorecia a defesa da vila. Consideramos que à sua dimensão política, enquanto espelhava a autoridade simbólica da povoação sobre um território, não terá faltado a função estratégica, de defesa da integridade do mesmo. Independentemente do objectivo com que foi edifica-

da, meramente monumental, puramente defensivo, ou ambos, estamos perante uma estrutura que marcou este aglomerado populacional, determinou-lhe o urbanismo, e os seus vestígios inserem-se na categoria de património cultural que deve ser preservado.

Como referido anteriormente, durante a execução dos trabalhos arqueológicos foram identificadas uma estrutura mural, à qual se atribuiu a u.e. 50, e a respectiva vala de fundação que percorriam todo o lote em estudo, no sentido NO-SE. Consideramos tratar-se de parte do tramo da cerca da vila de Aveiro entre a Porta de Rabães e a Porta das Arribas, paralelo à actual Rua Homem de Cristo Filho, embora mais recolhido em relação ao seu limite NE.

Enquanto na zona NO do terreno, a estrutura mural [50] preservava 10,32m de comprimento máximo (**Figura 2**), no topo SE, apenas se encontrava preservada numa extensão máxima de 3,24m (designada u.e. 50a). Nesta zona, a estrutura prolongava-se para SE, para o lote contíguo (**Figura 3**).

A estrutura identificada foi sendo destruída⁶ (pensamos que em vários momentos, o primeiro dos quais pouco depois da sua construção), encontrando-se bastante afectada, não só a nível de altura (na maioria da sua extensão preservava, apenas, uma fiada de pedras), como na largura, apresentando um interface de destruição longitudinal, sensivelmente a meio da sua largura original, preservando apenas a face NE, que se caracterizava por ser bastante regular. Dada esta destruição, este tramo da cerca aveirense, estrutura mural [50]=[50a], preservava apenas 50 a 180cm de largura, apesar de, a inferir pela sua vala

de fundação perfeitamente preservada, a estrutura teria aqui, originalmente, 3,20m de largura total.

Posto isto, consideramos estar perante a primeira fiada de pedras da base da muralha de Aveiro, datada do séc. XVI, dado os materiais exumados dos depósitos que a antecedem datarem do século XVI, tendo, inclusive, sido recolhidos fragmentos de loiça vermelha de Aveiro. Estaremos perante o momento da fundação *ex novo* da estrutura defensiva, ou perante um momento de reabilitação, mais precisamente a da época de D. Manuel I? Infelizmente, os dados obtidos não possibilitam a resposta cabal a esta questão. Contudo, relembramos que o pano de muralha identificado nos n.ºs 49 e 51 da Rua Homem de Cristo, foi datado dos séculos XV-XVI (GINJA, António, 2015).

Em relação ao aparelho, a estrutura mural [50]=[50a] era composta por silhares de margas levemente afeixoados, fortemente agregados com argamassa de areia e cal. Apesar de não se tratar de silhares de grés de Eirol (a pedra habitualmente associada à muralha aveirense), trata-se do mesmo aparelho identificado no que interpretamos como os vestígios da torre da Porta de Rabães. As margas aqui utilizadas serão o material extraído no Corgo, o *calcário acinzentado* referido por Oudinot. Calculamos que a matéria-prima empregue nos mais de 1000m de perímetro da cerca fosse variando, dependendo do material disponível no momento da construção. Relativamente ao método construtivo, os silhares assentavam numa espessa camada de argamassa, com cerca de 8cm de expressão, muito resistente. Estamos perante uma fundação directa, visto que o solo – argilas naturais – apresenta uma boa coesão e capacidade de carga, tal como já registado nas duas intervenções arqueológicas referidas.

Foi, ainda, identificado, na zona Sul do lote, o que se pensa ser vestígios de uma torre adossada à muralha. A partir da camada de argamassa identificada, e interpretada como a preparação para a construção de um torreão, a estrutura aqui implantada teria, pelo menos, 4,70m de largura (sentido NE-SO), já que se prolongaria para SO, onde foi destruída pela construção da fachada principal da habitação contemporânea agora demolida. Dado estes vestígios, consideramos estar perante a localização não só do pano de muralha, mas de um torreão que lhe adossava, como os retratados no séc. XVIII e referidos por Oudinot (2009).

6. Com o passar do tempo, a estrutura foi sofrendo alterações, tendo mesmo sido utilizada como fonte de matéria-prima, daí o seu mau estado de conservação. Parte da destruição foi levada a cabo logo no séc. XVI, para permitir a circulação entre o exterior e o interior muralhado da vila, quando nesta zona se instalou um centro de produção oleira, de cujos vestígios trataremos de seguida. Assim, foi aberta uma passagem que terá ocorrido simultaneamente à destruição do torreão que assentava na zona SSO do lote em estudo. A abertura deste vão facilitou a circulação entre as diferentes zonas da(s) oficina(s), assim como a fixação dos fornos de olaria (altamente poluentes) no exterior da cerca da vila. Esta passagem permitiu, também, o trânsito de carros de bois, com matérias-primas e peças de cerâmica, por ex. A última fase de destruição desta estrutura está datada do século XIX, indo ao encontro das fontes documentais: a demolição sistemática das muralhas teve início em 1806 e, em 1808, já pouco restava (OUDINOT, José Reinaldo Rangel de Quadros, 2009: 233).

2. O CENTRO DE PRODUÇÃO OLEIRO

Vejamos, agora, os vestígios relacionados com a produção oleira que se fixou neste local, junto à cerca aveirense, pouco depois da sua construção.

A abundância de jazidas de argila fez da região de Aveiro um local de tradição oleira, que remonta, pelo menos, à Antiguidade tardia / Alta Idade Média, como comprovado pela presença do forno do Eixo. Ao barro abundante e de qualidade juntava-se a madeira, proveniente de terras próximas, como a Feira e Ílhavo. Além disso, a sua posição geográfica, junto à linha de costa, potenciou o seu carácter exportador, o que fomentou uma produção em larga escala. Durante a época da Expansão Europeia, Aveiro assumiu o papel de centro oleiro, produzindo em larga escala, assim como de interposto comercial, ao comercializar e redistribuir recipientes cerâmicos para vários pontos, principalmente para outros portos, tanto nacionais como internacionais.

Um dos tipos de loiça mais conhecido aqui produzido é a *loiça vermelha de Aveiro*, que designa a cerâmica comum de uso quotidiano, caracterizada pelas suas pastas de tonalidade vermelha-alaranjada, superfícies da mesma cor, engobadas, brilhantes, grande parte com uma característica e distintiva decoração brunida, e cuja produção, comercialização e utilização vai do século XVI ao século XVIII. De entre este tipo de loiça, vamos encontrar loiça de serviço de mesa, de cozinha e de transporte/armazenamento de líquidos. O outro tipo de loiça produzida em Aveiro, também bastante significativo, é de cerâmica de uso industrial, a chamada *Cerâmica do Açúcar*, que era exportada para a Madeira, Açores, Canárias e Brasil, principalmente entre os séculos XV e XVII (embora tenha sido produzida até ao século XIX).

Recuando, novamente, até ao séc. XVI, pouco depois da (re)edificação do pano de muralha atrás descrito, e do que se supõe ser um torreão, esta zona foi escolhida para a implantação de fornos relacionados com a afamada produção oleira aveirense. Esta localização não terá sido aleatória, visto que nos encontramos no exterior da cerca, local ideal para implantar uma indústria altamente poluente, e junto a uma via que facilitava o acesso à ria e aos seus portos. Contudo, a construção de um dos fornos dedicado à olaria levou à destruição, pelo menos parcial, da estrutura defensiva ali implantada. Daquele, apenas a câmara de combustão, a designada u.e. 83, identificada no topo Sul do lote em estudo, chegou até nós. Visto

que a câmara se estendia para fora da área afectada (quer para o lote contíguo quer para a via pública), apenas foi possível expor c. de 60cm por 40cm da estrutura. A parede visível da câmara de combustão [83] apresentava 10cm de espessura, sendo composta por argila. A sua face interior apresentava um tom acinzentado, dadas as alterações provocadas pela exposição a altas temperaturas. De referir que, a determinado ponto, esta câmara foi restaurada, para colmatar a sua destruição parcial (**Figura 4**).

Dadas as limitações referidas anteriormente, não foi possível aferir a sua planta. Quanto ao perfil, a câmara de combustão [83] apenas se encontrava preservada nos níveis inferiores do interface onde foi construída, escavado em 3 socalcos. Durante os trabalhos de acompanhamento arqueológico da escavação mecânica para a construção da garagem do edifício projectado, verificou-se que a câmara [83] acompanhava os socalcos daquela fossa, não apresentando faces lineares, mas sim convexas. Apesar de um método construtivo em tudo semelhante às câmaras de combustão que iremos descrever de seguida, esta câmara e respectiva fossa de implantação apresentavam uma secção singular, em socalcos, o que terá facilitado a construção da estrutura.

Não foram exumados materiais cerâmicos do aparelho desta câmara, não sendo possível datar directamente o momento da sua execução. Contudo, a câmara foi construída depois da estrutura defensiva, que datamos do séc. XVI. Deste século data, também, o aterro que condena a câmara [83], (com possibilidade de se prolongar até ao início do séc. XVII). Assim, inferimos que este forno esteve em laboração durante um curto espaço de tempo, o que vai ao encontro de outras estruturas congéneres publicadas (CARDOSO *et alii*, 2017, por ex.), visto serem estruturas sujeitas a um grande desgaste, como se comprova pela remodelação sofrida.

Outra das câmaras de combustão identificada neste local, a designada u.e. 38, também estava parcialmente preservada, já que não conservava a sua altura original, tendo sido desconstruída uniformemente. A sua condenação ocorreu, igualmente, no séc. XVI. A câmara de combustão [38] apresentava uma planta elíptica, com o eixo maior orientado NO-SE, e perfil troncocónico, mais estrangulado na base. Apresentava uma boca a NO, (com um pequeno degrau em seixos graníticos, material mais resistente do que a argila e que permitiu uma circulação recorrente), à qual se acedia por um pequeno corredor delimitado

por 2 muretes. Este acesso permitia a colocação de combustível no interior da câmara e a posterior remoção das cinzas (**Figura 5**).

A estrutura [38] foi construída numa fossa aberta no substrato geológico, de secção rectangular, a uma cota negativa, método construtivo comum neste tipo de estruturas.

O que restava da câmara de combustão [38] foi modelado em argila vermelha verde, que depois de exposta às altas temperaturas das sucessivas cozeduras adquiriu resistência, ficando mais dura e estável. A face interior, exposta directamente ao fogo, apresentava uma cor cinzenta. O forno de que fazia parte terá sido construído quando o tramo da cerca identificado, u.e. 50, ainda preservava a sua largura original. Assim, a cerca poderá ter servido como parede posterior da construção que envolvia este forno. Em relação a essa estrutura, não foram identificados muitos vestígios que se possam relacionar com a construção que protegia os fornos. Será que na sua maioria se trataria de estruturas provisórias, construções leves de madeira, com fundação do tipo baldrame, que não deixou vestígios?

Com os dados disponíveis, também não se conseguiu apurar se as câmaras de combustão [83] e [38] foram construídas simultaneamente ou se pertenciam, sequer, à mesma oficina. Apenas sabemos que foram abandonadas no séc. XVI, pelos materiais exumados dos aterros que as condenaram.

Numa segunda fase, quando o forno a que pertencia a estrutura [38] já se encontrava desactivado, encontrando-se esta câmara e o seu acesso parcialmente aterrados, foi construído o forno ao qual pertencia a câmara de combustão [100]. Tal como a [38], também se tratava de uma estrutura de planta elíptica, com o eixo maior orientado N-S, de perfil troncocónico, estrangulado na base. No seu eixo maior, a estrutura registava 2,40m de comprimento, e o seu eixo menor, (E-O), 1,90m. A base apresentava 1,63m de comprimento por 0,75m. A altura máxima preservada da câmara [100], a NE, era de 2m, sendo a altura mínima conservada, a SO, de 0,75m. Visto que a estrutura se desenvolvia para SO, para a actual Rua Homem de Cristo Filho (onde foi perturbada pela execução de várias infra-estruturas actuais, como gás e saneamento), a escavação integral da estrutura que se encontrava preservada sob a via pública foi patrocinada pela Câmara Municipal de Aveiro.

Tal como a câmara [38], também a u.e. 100 foi construída numa fossa aberta no *bedrock*, mas de secção

truncocónica, e cuja abertura destruiu parcialmente o interface onde aquela fora construída. O seu perfil troncocónico facilitou o perfil troncocónico da câmara [100], muito mais estreita na base do que no topo. A câmara de combustão [100] também foi modelada em argila vermelha verde, que no topo se encontrava sustentada em grandes tijoleiras. A argila foi, depois, exposta às altas temperaturas das sucessivas cozeduras adquirindo resistência, ficando mais dura e estável. A face interior, exposta directamente ao fogo, apresentava uma cor cinzenta.

Das três câmaras de combustão identificadas neste trabalho, a câmara [100] era a mais bem preservada, mantendo o arranque de seis arcos que sustentariam a grelha (i. é, o estrado perfurado por agulheiros) da câmara de cozedura (**Figura 6**). Verifica-se assim que, tal como na câmara [83], também na estrutura [100] se identificou um momento de reparação, neste caso na base. Como já registámos para aquela estrutura, tratava-se de equipamentos sujeitos a um forte desgaste.

A câmara [100] foi condenada na 2.^a metade do séc. XVII por um aterro que apresentava uma grande concentração de material de construção (como tijolo maciço), provavelmente proveniente da desconstrução da câmara de cozedura da qual já não tínhamos vestígios. Alguns destes tijolos apresentavam faces vitrificadas: tratava-se de uma fina camada de argila vitrificada de coloração esverdeada, originada pela desestabilização da estrutura cristalina da argila em contacto com as elevadas temperaturas que a câmara de cozedura atingia. No aterro foram, ainda, identificados fragmentos de telha de canudo, provavelmente provenientes da cobertura da estrutura na qual estava inserido o forno. Apresentava, ainda, alta frequência de fragmentos da *Cerâmica do Açúcar* e de recipientes da designada *loiça vermelha de Aveiro*, assim como muitos fragmentos de peças discóides, que seriam de apoio à produção oleira. Foram, ainda, exumados fragmentos de faiança do séc. XVII, que datam o depósito. Tirando estes últimos, consideramos que estamos perante o descarte dos restos de produção da oficina que aqui funcionara até então, assim como de alguns dos utensílios utilizados na laboração da mesma.

Em suma, o estudo destas três câmaras de combustão permitiu verificar que partilhavam um sistema construtivo muito semelhante (inclusivamente a outras identificadas noutros pontos do país, como Lisboa): as as três estruturas identificadas foram

modeladas em argila, com o recurso a tijolos, tijoleiras e fragmentos de peças cerâmicas, tendo sido construídas no interior de uma fossa aberta no geológico. Estruturalmente, os fornos identificados seriam compostos por duas câmaras separadas, sobrepostas: num nível inferior, tínhamos a câmara para a queima do combustível e sobre esta a câmara para a cozedura das peças cerâmicas. Dado os vestígios identificados nos depósitos de condenação das câmaras de combustão, calcula-se que as câmaras de cozedura destes fornos fossem compostas por tijolo, cujas superfícies desenvolveram uma fina camada de argila vitrificada dadas as elevadas temperaturas que os fornos atingiam. Nas câmaras de combustão que foi possível escavar na totalidade, [38] e [100], verificou-se que apresentavam uma planta elíptica e perfil troncocónico invertido. A estrutura [100] preservava, ainda, o arranque de seis arcadas que sustentavam a grelha. Apesar de tudo o que foi registado, dado o estado de conservação em que estas estruturas chegaram até nós, a sua interpretação encontra-se incompleta, visto que não temos dados suficientes que permitam, a título de exemplo, saber como eram extraídos os fumos e circulava o oxigénio, por exemplo (Figura 7).

3. AS ‘FOSSAS’

Associadas à produção oleira, foi ainda possível registar e escavar vários interfaces negativos abertos no substrato geológico, comumente denominadas ‘fossas’. Estes interfaces têm sido identificados nas intervenções arqueológicas realizadas um pouco por toda a cidade de Aveiro, tanto intra como fora de muralhas, sendo relacionados com a actividade das antigas olarias (SILVA, Ricardo Costeira *et al.*, 2017). No caso que nos ocupa, as fossas surgem isoladas ou agrupadas, normalmente em conjuntos de quatro, apresentando diferentes formas e tamanhos. As fossas maiores, e que aparecem isoladas, poderão tratar-se ou de bacias de preparação da pasta (zona de apodrecimento / envelhecimento da argila – fase em que esta é depositada ao ar livre, sendo remexida periodicamente de forma a garantir homogeneidade), ou de estruturas de armazenamento de grandes quantidades de matéria-prima (quer da argila após a peneira, quer de outras matérias-primas, como areia, micas, quartzo e conchas de bivalves). Já as várias fossas que surgem em grupos de dois ou mais (até cinco destes interfaces), dada a sua disposição e nú-

mero, consideramos que estamos perante uma zona de trabalho, de bacias onde se processava a mistura (do material que compõe a pasta para moldar – um ou mais lotes de argila, água, aditivos, como fundentes e inertes, e.n.p.); ou como local onde se procedia à amassadura (bater o barro) (Figura 8).

Relativamente à sua relação com as câmaras de combustão identificadas, verificou-se que a implantação das fossas e dos fornos parece ter obedecido a uma gestão criteriosa do espaço. Os fornos ficaram no exterior da cerca, de forma a mitigar o risco de incêndio no núcleo muralhado e a afastar os fumos. Já as fossas, foram escavadas no interior da cerca, visto não acarretarem qualquer risco. Ali também poderão ter sido implantados os outros sectores da olaria, como a oficina da roda de oleiro, ou a zona de secagem das peças, mas dos quais não temos notícia. A circulação entre os vários espaços foi facilitada pela destruição parcial da cerca, a que aludimos anteriormente, o que nos leva a inferir que, de facto, todas estas estruturas pertenceriam à(s) mesma(s) oficina(s).

Em relação à sua cronologia, dado que as ‘fossas’ foram abertas no *bedrock*, a sua execução destruiu toda a estratigrafia anterior, o que inviabiliza a sua datação, mesmo relativa. Já o seu momento de condenação situou-se na Época Moderna (maioritariamente nos séc. XVI-XVII, como as câmaras de combustão, e apenas uma no séc. XVIII), de acordo com o material cerâmico ali recolhido. Aquando a sua colmatação, as fossas parecem ter sido utilizadas como lixeiras domésticas. Para esta interpretação concorre o facto de os fragmentos exumados destes depósitos serem de cerâmica de uso doméstico, muitos dos quais com vestígios de uso.

A anular, definitivamente, este contexto de produção oleira, foi identificado um nível de circulação, da 2.º metade do séc. XVII, que ocultou, definitivamente, a sua existência. A partir daí, registou-se a utilização do espaço com carácter doméstico, (principalmente através de lixeiras domésticas e da manutenção de algumas estruturas murais modernas) o que persiste até aos dias hoje, apesar dos hiatos observados na estratigrafia.

4. A PRODUÇÃO

No que respeita à produção deste centro oleiro datado dos séculos XVI e XVII, e se aceitarmos a premissa de que as câmaras de combustão e as fossas onde foram construídas foram aproveitadas como entu-

lheiras para descarte do que restava da produção que não entrou no circuito comercial, verificamos que se tratavam de oficinas de barro vermelho. Tal como outros locais já publicados, verificou-se que estas oficinas de barro vermelho produziram tanto peças de cerâmica comum de uso quotidiano como de uso industrial. Contudo, apesar de terem uma produção diversificada, não se especializando num só produto, a produção aqui aferida não apresentava muita variedade.

Assim, pelo estudo do material exumado do aterro que condenou a câmara de combustão [83], consideramos que a oficina à qual estava relacionada se dedicava à produção de loiça vermelha de Aveiro, nomeadamente alguidares, cântaros e taças, peças de higiene pessoal (bispos), e, por fim, formas de açúcar. Também a(s) oficina(s) relacionada(s) com as câmaras [38] e [100] terá produzido tanto formas de açúcar como loiça vermelha de Aveiro (neste caso pratos, tampas, taças e alguidares). Ou seja, no caso de cerâmica doméstica de uso comum, estas oficinas produziam, essencialmente, peças de serviço de mesa, de transporte e armazenamento de líquidos, e multifunções (os célebres *alguidares da veiro*), em nada acrescentando às produções locais ou regionais já conhecidas e bem documentadas. A novidade, aqui, é o facto de se encontrarem associadas ao centro onde foram produzidas.

Na categoria de cerâmica industrial, a sub-categoria maioritária é a chamada *cerâmica do açúcar*. Esta sub-categoria engloba as peças (formas, sinos e porrões) com afinidades tecnológicas, cuja função estava relacionada com a produção açucareira e seus derivados. Dentro desta, as únicas peças e fragmentos recolhidos neste trabalho pertencem às chamadas *Formas de Açúcar*: moldes cónicos, com um furo no vértice, e que entram no ciclo da produção do ‘ouro branco’ na fase da purga. Neste contexto, não podemos deixar de realçar a enorme variedade de morfologia de bordos identificada, e que, pese embora a tentativa de enquadrar os fragmentos de formas de açúcar nos tipos conhecidos, a enorme variedade morfológica reconhecida levaria a uma multiplicação de tipos e subtipos de peças muito elevada, difícil de gerir, e que não se convertia, necessariamente, em conhecimento prático sobre o assunto: correspondem os diferentes subtipos do Tipo I, por exemplo, a diferentes tamanhos de recipientes? A diferentes oleiros? A diferentes fases? A diferentes tentativas de produzir uma peça mais eficiente e/ou resistente?

Também não podemos deixar de referir o facto de que as formas de açúcar foram a forma maioritária do conjunto aferido como produzido neste local, perfazendo 23,4% do total das peças estudadas.

Para terminar, apesar da região de Aveiro surgir como um dos principais centros produtores da *cerâmica do açúcar* para as Canárias e a Madeira, nos séc. XVI-XVII (SOUSA, 2006: 14), e de se terem identificado várias destas peças, quer inteiras quer fragmentos, em diferentes sítios espalhados pela cidade [eria] de Aveiro, os fornos identificados neste trabalho, cujos resultados agora se apresentam, constituem-se como os primeiros equipamentos associados a este tipo de produção dados à estampa. Consubstancia-se, assim, Aveiro como centro produtor.

Outra das formas inseridas na categoria de cerâmica de uso industrial são as formas discóides. Tratam-se de peças utilizadas no auxílio da montagem no torno e movimentação de várias peças durante o seu fabrico, servindo como base (HENRIQUES, José, et alii, 2019). São formas redondas, no nosso caso, de lábio direito, arredondado ou biselado, e base plana, com c. de 20mm de espessura, e diâmetro aferido entre os 300mm e os 520mm. As peças em estudo apresentam caneluras na superfície exterior, junto ao bordo, a meio da peça, ou no seu centro. Estes ressaltos tanto poderiam servir para facilitar a descolagem das peças cruas, como servir de bitola para diâmetros, levando à uniformização das peças produzidas. Em relação aos discos identificados, temos, ainda, a referir, o facto de algumas peças apresentarem grafitos, embora não se tenham conseguido desdobrar. Também na Mata da Machada há registo de um exemplar grafitado, assim como no Museu Municipal de Aveiro, que tem no seu espólio alguns discos completos grafitados. Estes apresentam inscritos nomes e datas – tratar-se-á de nomes de oleiros, de forma a marcar / referenciar as peças produzidas? Serão os grafitos identificados no nosso conjunto, uma marca do oleiro a quem pertencia o disco, logo, a peça produzida?

5. CONCLUSÃO

A intervenção de Arqueológica Preventiva cujos resultados aqui se dão à estampa, permitiu a identificação de vestígios da cerca da vila de Aveiro, e o registo de três fornos relacionados com a célebre produção oleira aveirense (**Figura 9**). Estes consubstanciam, assim, Aveiro, como centro produtor olei-

ro, reforçando a ampla informação documental de Aveiro como centro produtor de cerâmica, a par de ecos relativos à identificação de estruturas similares noutros espaços da cidade que remontam à década de 70 do século XX, sem, contudo terem sido alvo de publicação ou estudo sistemático.

Tal como se tem verificado noutros pontos da cidade, não foi possível identificar níveis de ocupação anteriores ao séc. XVI. Os vestígios mais antigos datam da centúria de quinhentos, com a [re]construção do pano de muralha aqui identificado, e do que supomos ser um torreão, prontamente destruído para ali ser implantado um centro de produção oleiro. Deste, apenas de identificaram três câmaras de combustão, que se encontravam preservadas ao nível inferior, e partilhavam um sistema construtivo muito semelhante, como vimos. De acordo com a datação aferida para a condenação das câmaras de combustão, estamos perante dois momentos de produção, um no século XVI – que eventualmente se pode prolongar até ao início do séc. XVII – e um segundo momento, em pleno séc. XVII. Considera-se que as câmaras de combustão e os interfaces onde foram construídas foram colmatados com o entulho que sobrou do desmantelamento da(s) oficina(s): aqui se identificaram sobras da matéria-prima, as ferramentas utilizadas na produção oleira, como os discos, e restos da produção que não entrou no circuito comercial. Relativamente à produção, os fornos estudados produziram cerâmica de uso quotidiano, nomeadamente a típica loiça vermelha de Aveiro, e cerâmica de uso industrial, particularmente as formas de açúcar que se destinavam à exportação (**Figura 10**).

Verificou-se que os vestígios identificados se sucedem numa sequência quase vertiginosa, até ao séc. XVIII: primeiro, testemunha-se a [re]construção da muralha, no século XVI, seguida de muito perto pela construção dos fornos [83] e [38] e da abertura de muitas, se não todas, das denominadas ‘fossas’; a anulação destes fornos dá-se nessa mesma centúria (no caso da câmara [83] talvez no início de Seiscentos...); segue-se a construção de um terceiro forno, u.e. 100, e a sua colmatação na 2.ª metade do século XVII. E, por fim, no séc. XVIII, registou-se a utilização do espaço no âmbito doméstico, o que persiste até aos dias de hoje. Tudo isto indica uma vitalidade e movimentações relacionadas com o crescimento da vila no último quartel do séc. XV, a que não foram alheias as alterações provocadas na vila pela construção e posterior ampliação do convento de Jesus,

com a consequente deslocação de muitos artífices das suas imediações aquando o ingresso da Princesa Santa Joana naquela instituição, e a Expansão Europeia, e todas as possibilidades do comércio marítimo que lhe sobrevieram, nomeadamente na exportação de cerâmica, quer para o circuito do açúcar quer a loiça vermelha de Aveiro, de uso doméstico. A passagem desta área de zona de produção para zona habitacional, na segunda metade do século XVII / século XVIII poderá estar relacionada com o fecho da Barra e o declínio que se lhe seguiu.

Pelo exposto, fica clara a importância da implementação de medidas de mitigação arqueológico-patrimonial perante as transformações urbanísticas levadas a cabo na atualidade. Os resultados obtidos permitiram ampliar o corpus informativo relativo ao aglomerado urbano de Aveiro e à sua evolução ao longo dos séculos, com particular enfoque para a recuperação de testemunhos de um dos seus monumentos emblemáticos – a [quase] desaparecida muralha de Aveiro – a par da comprovação material e estudo de três estruturas de combustão associadas a uma das muitas oficinas de produção cerâmica que operaram neste burgo ao largo da época moderna.

BIBLIOGRAFIA

BARBOSA, Teresa Miguel; CASIMIRO, Tânia Manuel; MANAIA, Rodolfo (2006-2008) – A late medieval household pottery group from Aveiro, Portugal, in *Medieval Ceramics* 30.

BARREIRA, Manuel (2001) – As muralhas da vila de Aveiro em 1692, in *Patrimónios*, n.º 1, Abril 2001, ano XXII, 2ª série.

CARDOSO, Guilherme; BATALHA, Luísa; REBELO, Paulo; ROCHA, Miguel; NETO, Nuno; BRITO, Sara (2017) – Uma Olaria na Rua das Portas de Santo Antão (Lisboa) – séculos XV e XVI, in *Arqueologia em Portugal. 2017 – Estado da Questão*, AAP.

CARMONA, Rosalina; SANTOS, Cátia (2005) – *Olaria da Mata da Machada. Cerâmicas dos séculos XV-XVI*. Câmara Municipal do Barreiro.

GINJA, António (2015) – *Construção de Edifício Multifamiliar sito na Rua Homem de Cristo Filho, n.º 49 a 51, Aveiro. Trabalhos de Arqueologia. Relatório Final*. Disponível no Portal do Arqueólogo.

HENRIQUES, José Pedro; FILIPE, Vanessa; CASIMIRO, Tânia Manuel; KRUS, Alexandra (2019) – Vestígios de produção oleira dos finais do século XV (Escadinhas da Barroca, Lisboa), in *Extraír e Produzir... Dos Primeiros Artefactos à Industrialização. Fragmentos de Arqueologia de Lisboa*, 3.

MORGADO, Paulo (2009) – A Cerâmica do Açúcar em Aveiro na Época Moderna. *Patrimónios* nº 7, Ano XXX, II Série.

ADERAV – Associação para o Estudo e Defesa do Património Natural e Cultural da Região de Aveiro.

OUDINOT, José Reinaldo Rangel de Quadros (2009) – *Aveiro: apontamentos históricos*. Coord. Luís Miguel Capão Filipe; transc. introd. índices e rev. Carla Serôdio, Vânia Ramos. Câmara Municipal de Aveiro

SILVA, Ricardo Costeira da; FILIPE Sónia; MORGADO, Paulo (2017) – Aveiro em Quatrocentos: evidências materiais de um período (ainda) pouco conhecido junto ao Mosteiro de Jesus (Aveiro, Portugal). *Livro de atas do II Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses: Arqueologia em Portugal 2017 – Estado da Questão*. Associação dos Arqueólogos Portugueses.

SOUSA, Élvio Duarte Martins (2006) – A Cerâmica do Açúcar das cidades de Machico e do Funchal. Dados Históricos e Arqueológicos para a Investigação da Tecnologia e Produção do Açúcar em Portugal, in *A Cerâmica do Açúcar em Portugal na Época Moderna* – Coleção “Mesa Redonda”. Lisboa/Machico 1.



Figura 1 – Proposta de implantação do traçado da muralha de Aveiro, sobre fotografia aérea da cidade (Fonte: Google earth). O lote em estudo está indicado a amarelo.



Figura 2 – Estrutura [50], identificada na zona NO da área em estudo, com 10,32m de comprimento preservado, e respectiva vala de fundação (vista de SE).



Figura 3 – Vestígios da estrutura [50a] e da argamassa sobre a qual terá sido construído um torreão. Ao fundo, negativo da muralha no prédio a SE.



Figura 4 - Câmara de combustão [83], onde é visível o momento de reabilitação, no interior (topo esquerdo).



Figura 5 - Câmara de combustão [38].



Figura 6 – Câmara de combustão [100] (vista de SO).

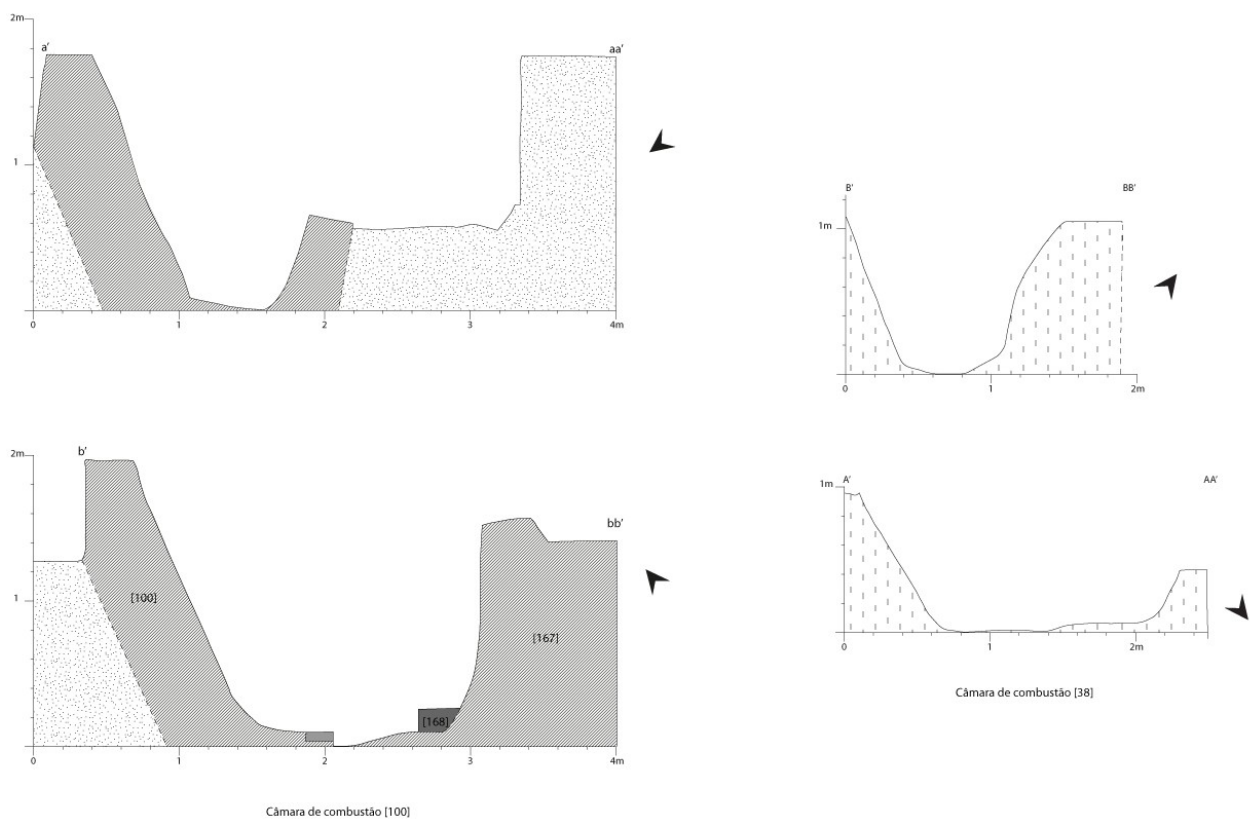


Figura 7 – Secções das câmaras de combustão [100] e [38].



Figura 8 – Conjunto de 4 fossas: dada a sua disposição, podemos estar perante uma zona de preparação da pasta para produção oleira.



Figura 9 – Fotografia aérea do local, durante os trabalhos prévios de escavação arqueológica, em todo o lote a intervir.

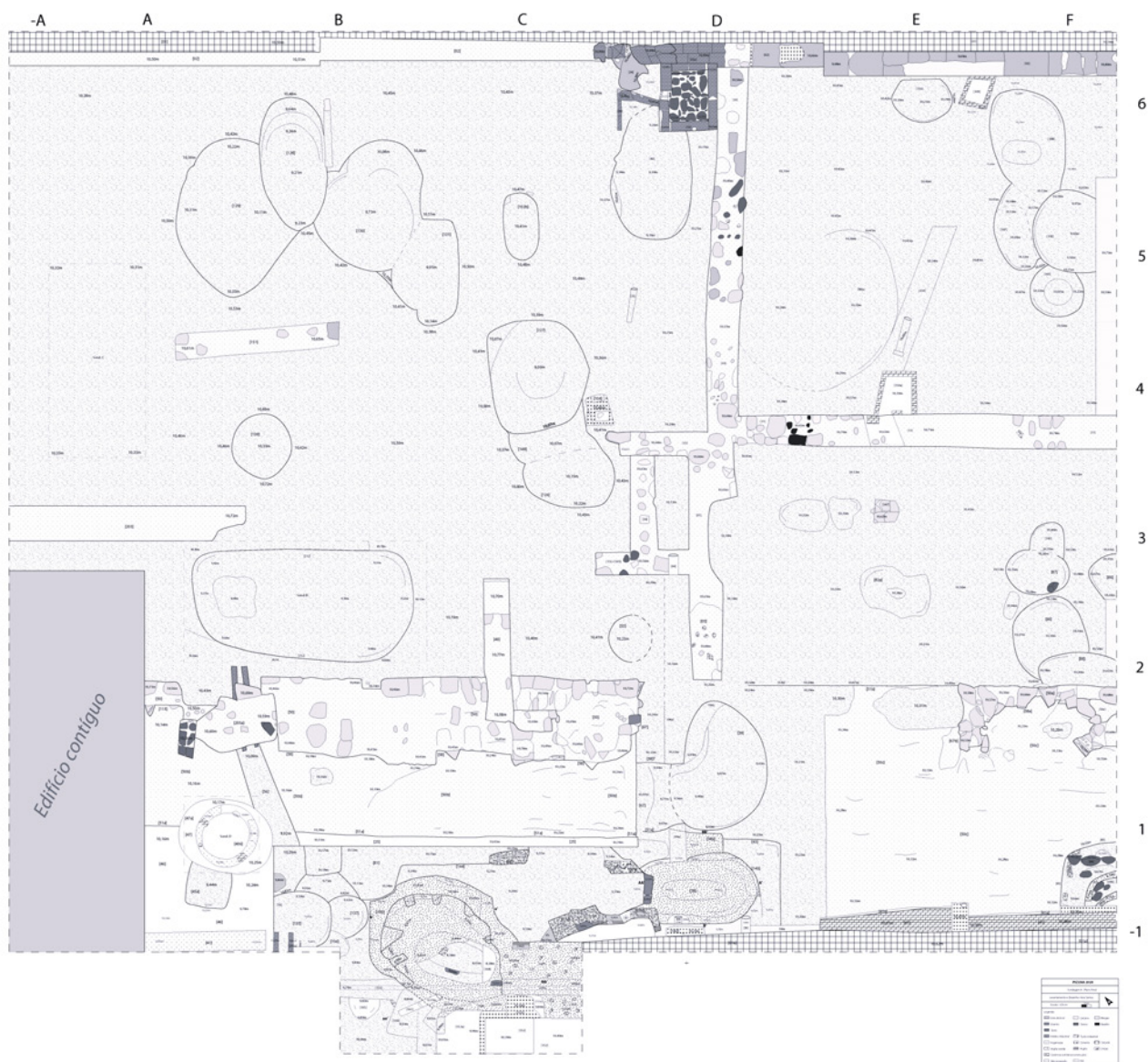


Figura 10 – Plano final da intervenção.



AAP
ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

MAC
MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO

 **REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA**

1 2 9 0 

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE
COIMBRA


INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA - UCC
PALÁCIO DE SUB-RIPIAS


**CENTRO DE
ESTUDOS INTERDISCIPLINARES**
CEIS30 | Universidade de Coimbra

 **Centro de Estudos
em Arqueologia
Artes
e Ciências do Património**
UI&D 281

fct
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia
UIDB/0046/2020

Apoio Institucional:

**PATRIMÓNIO
CULTURAL**
Departamento do Património Cultural

 **MUSEU NACIONAL
DE MACHADO DE CASTRO**

COIMBRIGA

 **seminário
maior de coimbra**